Suma do Conhecimento Salvífico

"A Suma do Conhecimento Salvador" foi a produção conjunta do erudito Sr. David Dickson, ministro de Irvine, e do não menos famoso Sr. James Durham...

John Howie, em seu "Lives of the Scots Worthies" [Página 294 da Nova Edição do Re. W.H. Carslaw, M.A. Edimburgo: Johnstone, Hunter, & Co. 1870], descreve assim sua origem e objeto:

"Subsistia uma amizade muito estreita entre estas duas grandes luzes da Igreja, e entre outros efeitos de sua conversação religiosa temos 'A Suma do Conhecimento Salvador', que tem sido impressa com nossa Confissão de Fé e Catecismos. Isto, depois de várias conversações sobre o tema, e a maneira de tratá-lo, para que possa ser útil às capacidades vulgares, foi ditado pelos senhores Dickson e Durham a um reverendo ministro por volta do ano de 1650; e ainda que nunca tenha sido aprovado judicialmente pela Igreja, contudo, merece ser muito mais lido e praticado do que atualmente é".

Foi a leitura deste tratado o que levou o falecido Sr. M'Cheyne a compreender claramente o caminho da aceitação de Deus, como se depreende do seguinte extrato de seu diário: "11 de março de 1834. - Lido em a 'Suma do Conhecimento Salvador'; a obra que creio que foi a primeira a produzir uma mudança salvadora em mim. Com quanto gosto renovaria sua leitura, se essa mudança pudesse ser levada à perfeição".

J.H.
Edimburgo, 2 de janeiro de 1871

Suma do conhecimento salvífico

A Suma do Conhecimento Salvador pode ser tomada nestes quatro fundamentos:
1. A lamentável condição em que se encontram todos os homens por natureza, devido à rutura do pacto das obras.
2. O remédio provido para os eleitos em Jesus Cristo pelo pacto da graça.
3. Os meios designados para os fazer participantes deste pacto.
4. As bênçãos que são efetivamente transmitidas aos eleitos por estes meios. Estes quatro pontos expõem-se, cada um deles, em algumas proposições.

1. A nossa lamentável condição por natureza

Fundamento I.

A nossa lamentável condição por natureza, ao quebrar o pacto das obras. . Ó Israel, tu te destruíste a ti mesmo.

I. O Deus todo-poderoso e eterno, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, três pessoas distintas na única e mesma Divindade indivisa, igualmente infinita em todas as perfeições, decretou, antes do tempo, mui sabiamente, para a sua própria glória, tudo o que há de acontecer no tempo: e executa mui santa e infalivelmente todos os seus decretos, sem ser participante do pecado de nenhuma criatura.

II. Este Deus, em seis dias, fez todas as coisas do nada, muito boas na sua própria espécie: em especial, fez santos todos os anjos; e fez os nossos primeiros pais, Adão e Eva, a raiz da humanidade, retos e capazes de guardar a lei escrita no seu coração, a qual estavam naturalmente obrigados a obedecer sob pena de morte. Mas Deus não estava obrigado a recompensar o seu serviço, até que celebrou um pacto ou contrato com eles, e com os seus descendentes, para lhes dar a vida eterna, à condição de uma perfeita obediência pessoal, ameaçando ainda com a morte caso faltassem. Este é o pacto das obras.

III. Tanto os anjos como os homens estavam sujeitos à mudança da sua própria vontade, como o demonstrou a experiência (Deus reservou para si a propriedade incomunicável de ser naturalmente imutável:) porque muitos anjos, pela sua própria vontade, caíram do pecado do seu primeiro estado, e converteram-se em demônios. Os nossos primeiros pais, sendo atraídos por Satanás, um destes demônios que fala em forma de serpente, quebraram o pacto das obras, ao comer o fruto proibido; pelo que eles e a sua posteridade, estando nos seus lombos, como os ramos na raiz, e compreendidos no mesmo pacto com eles, tornaram-se não só sujeitos à morte eterna, mas também perderam toda a capacidade de agradar a Deus; sim, tornaram-se por natureza inimigos de Deus, e de todo o bem espiritual, e inclinados apenas para o mal continuamente. Este é o nosso pecado original, a amarga raiz de todas as nossas transgressões atuais, em pensamento, palavra e obra.

2. O remédio proporcionado em Cristo Jesus

Fundamento II.

O remédio provido em Jesus Cristo para os eleitos pelo pacto da graça. . Ó Israel, tu te destruíste a ti mesmo; mas em mim está o teu socorro.

I. Ainda que o homem, tendo chegado a esta lamentável condição, não seja capaz de se ajudar a si mesmo, nem queira ser ajudado por Deus para sair dela, mas antes se incline a ficar quieto, insensível a ela, até perecer; contudo, Deus, para glória da sua rica graça, revelou na sua Palavra um caminho para salvar os pecadores, a saber, pela fé em Jesus Cristo, o Filho eterno de Deus, em virtude de, e de acordo com o teor do

pacto de redenção, feito e acordado, entre Deus o Pai e Deus o Filho, no conselho da Trindade, antes do início do mundo.

II. O resumo do pacto de redenção é o seguinte: Tendo Deus elegido livremente para a vida certo número de homens perdidos, para glória da sua rica graça, entregou-os, antes do início do mundo, a Deus Filho, designado Redentor, para que, à condição de se humilhar até assumir a natureza humana de uma alma e um corpo, até à união pessoal com a sua natureza divina, e se submeter à lei, como fiador por eles, e satisfazer a justiça por eles, prestando obediência em nome deles, até ao sofrimento da morte maldita da cruz, resgataria e redimiria todos do pecado e da morte, e lhes compraria a justiça e a vida eterna, com todas as graças salvadoras que a ela conduzem, para serem efetivamente, por meio da sua própria designação, aplicadas em devido tempo a cada um deles. Esta condição aceitou-a o Filho de Deus (que é Jesus Cristo, nosso Senhor) antes do início do mundo, e na plenitude dos tempos veio ao mundo, nasceu da Virgem Maria, submeteu-se à lei e pagou completamente o resgate na cruz: Mas em virtude do dito pacto, feito antes do início do mundo, em todas as épocas, desde a queda de Adão, continua a aplicar os benefícios comprados aos eleitos, e fá-lo mediante um pacto de graça gratuita e reconciliação com eles, por meio da fé nele mesmo; por meio do dito pacto, outorga a cada crente o direito e o interesse a si mesmo e a todas as suas bênçãos.

III. Para o cumprimento deste pacto de redenção, e para fazer os eleitos participantes dos seus benefícios no pacto da graça, Cristo Jesus foi revestido do tríplice ofício de Profeta, Sacerdote e Rei: Feito Profeta, para revelar ao seu povo todo o conhecimento salvador e persuadi-lo a crer e obedecer-lhe; feito Sacerdote, para se oferecer a si mesmo em sacrifício uma vez por todos eles, e interceder continuamente perante o Pai, para fazer com que as suas pessoas e serviços lhe sejam aceitáveis; e feito Rei, para os submeter a si mesmo, para os alimentar e governar pelas suas próprias ordenanças designadas, e para os defender dos seus inimigos.

3. Os meios previstos no Pacto da Graça

Fundamento III.

Os meios externos designados para fazer com que os eleitos sejam participantes deste pacto, e todos os demais que são chamados, sejam inescusáveis, . Muitos são os chamados.

I. Os meios externos e as ordenanças, para fazer os homens participantes do pacto da graça, são tão sabiamente dispensados, que os eleitos serão infalivelmente convertidos e salvos por eles; e os réprobos, entre os quais se encontram, não serão justamente escandalizados. Os meios são especialmente estes quatro. 1. A Palavra de Deus. 2. Os Sacramentos. 3. O governo eclesiástico. 4. A oração. Na Palavra de Deus pregada pelos mensageiros enviados, o Senhor faz uma oferta de graça a todos os

pecadores, com a condição da fé em Jesus Cristo; e os que confessarem o seu pecado, aceitarem Cristo oferecido e se submeterem às suas ordenanças, fará com que tanto eles como os seus filhos sejam recebidos na honra e nos privilégios do pacto da graça. Por meio dos sacramentos, Deus fará com que o pacto seja selado para confirmar o trato na condição mencionada. Por meio do governo eclesiástico, fará com que sejam protegidos e ajudados a cumprir o pacto. E por meio da oração, fará com que a sua própria e gloriosa graça, prometida no pacto, seja extraída, reconhecida e posta em prática diariamente. Todos estes meios são seguidos, quer realmente, quer apenas em profissão, de acordo com a qualidade dos pactuantes, conforme sejam verdadeiros ou falsos crentes.

II. O pacto da graça, estabelecido no Antigo Testamento antes da vinda de Cristo, e no Novo desde que ele veio, é um e o mesmo em substância, ainda que diferente na administração externa: Porque o pacto no Antigo Testamento, selado com os sacramentos da circuncisão e do cordeiro pascal, apresentava a morte de Cristo por vir, e os benefícios adquiridos por ela, sob a sombra de sacrifícios sangrentos e diversas cerimónias; mas desde que Cristo veio, o pacto, selado pelos sacramentos do batismo e da ceia, apresenta claramente Cristo já crucificado diante dos nossos olhos, vitorioso sobre a morte e a sepultura, e governando gloriosamente o céu e a terra, para o bem do seu próprio povo.

4. As bênçãos transmitidas por estes meios

Fundamento IV.

As bênçãos que são eficazmente transmitidas por estes meios aos eleitos do Senhor, ou escolhidos. . Muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos.

I. Por meio destas ordenanças externas, assim como o nosso Senhor torna inescusáveis os réprobos, pelo poder do seu Espírito, aplica aos eleitos, efetivamente, todas as graças salvadoras compradas para eles no pacto de redenção, e opera uma mudança nas suas pessoas. Em particular, 1. Converte-os ou regenera-os, dando-lhes vida espiritual, abrindo os seus entendimentos, renovando as suas vontades, afetos e faculdades, para dar obediência espiritual aos seus mandatos. 2. Dá-lhes fé salvadora, fazendo com que, no sentido da condenação merecida, dêem o seu consentimento de coração ao pacto da graça, e abracem Jesus Cristo sem fingimento. 3. Dá-lhes o arrependimento, fazendo-os, com uma dor piedosa, no ódio ao pecado e no amor à justiça, converter-se de toda a iniquidade ao serviço de Deus. E, 4. Santifica-os, fazendo-os continuar e perseverar na fé, e na obediência espiritual à lei de Deus, manifestada pela fecundidade em todos os deveres, e a realização de boas obras, conforme Deus ofereça a ocasião.

II. Juntamente com esta mudança interna das suas pessoas, Deus muda também o seu estado: porque, assim que são introduzidos pela fé no pacto da graça, 1. Justifica-os, imputando-lhes a perfeita obediência que Cristo prestou à lei, e a satisfação que na cruz Cristo deu à justiça em nome deles. 2. Reconcilia-os, e faz deles amigos de

Deus, que antes eram inimigos de Deus. 3. Adota-os, para que não sejam mais filhos de Satanás, mas filhos de Deus, enriquecidos com todos os privilégios espirituais dos seus filhos. 4. E, por último, terminada a sua luta nesta vida, aperfeiçoa a santidade e a bem-aventurança, primeiro das suas almas na sua morte, e depois tanto das suas almas como dos seus corpos, unindo-se de novo com alegria na ressurreição, no dia da sua gloriosa vinda para o juízo, quando todos os ímpios serão enviados para o inferno, com Satanás a quem serviram: mas os próprios eleitos e redimidos de Cristo, verdadeiros crentes, estudantes da santidade, permanecerão com ele para sempre, no estado de glorificação.

O uso prático do conhecimento salvador

Contida na Escritura, e exposta brevemente na já mencionada Confissão de Fé e Catecismos

O principal uso geral da doutrina cristã é convencer o homem do pecado, da justiça e do juízo, , em parte pela lei ou pacto das obras, para que se humilhe e se converta em penitente; e em parte pelo evangelho ou pacto da graça, para que se converta num crente não fingido em Jesus Cristo, e se fortaleça na sua fé sobre bases e garantias sólidas, e dê evidência da verdade da sua fé por meio de bons frutos, e assim se salve.

O resumo do pacto das obras, ou da lei, é este: "Se fizeres tudo o que te é mandado e em nada faltares, salvar-te-ás; mas se faltares, morrerás". . .

O resumo do evangelho, ou pacto da graça e reconciliação, é este: Se fugires da ira merecida para o verdadeiro Redentor Jesus Cristo (que é capaz de salvar completamente todos os que se aproximam de Deus por meio dele), não perecerás, mas terás vida eterna". .

Para convencer o homem do pecado, da justiça e do juízo por meio da lei, ou pacto das obras, utilizem-se estas escrituras, entre muitas outras.

1. Para convencer de pecado mediante a lei

I. Para convencer um homem do pecado pela lei, considera .
Enganoso é o coração mais do que todas as coisas, e perverso; quem pode conhecê-lo? Eu esquadrinho o coração, eu provo os rins, para dar a cada um segundo os seus caminhos, e segundo o fruto das suas obras.
Aqui o Senhor ensina estas duas coisas.

1. Que a fonte de todos os nossos erros e pecados contra Deus está no coração, que compreende a mente, a vontade, os afetos e todas as faculdades da alma, tal como estão corrompidas e contaminadas pelo pecado original; a mente não só é ignorante e

incapaz da verdade salvadora, mas também está cheia de erro e inimizade contra Deus; e a vontade e os afetos são obstinadamente desobedientes a todas as instruções de Deus, e inclinam-se apenas para o que é mau: O coração (diz ele) é enganoso sobre todas as coisas, e desesperadamente perverso; sim, e inescrutavelmente perverso, de tal modo que ninguém pode conhecê-lo; e . Toda a imaginação dos pensamentos do coração do homem é sempre má, diz o Senhor, de cujo testemunho devemos fiar-nos neste e em todos os demais assuntos; e a experiência também nos pode ensinar que, até que Deus nos faça negar a nós mesmos, nunca olhamos para Deus em coisa alguma, mas apenas o interesse carnal nos governa e move todas as rodas das nossas ações.

2. Que o Senhor leva o nosso pecado original, ou inclinação perversa, com todos os seus frutos reais, a juízo perante o seu tribunal; porque ele esquadrinha o coração, e prova os rins, para dar a cada um segundo os seus caminhos, e segundo o fruto das suas obras.

Portanto, que cada homem raciocine assim:
"Daquilo que Deus e a minha má consciência dão testemunho, estou convencido de que é verdade; mas Deus e a minha má consciência dão testemunho de que o meu coração é enganoso sobre todas as coisas, e desesperadamente perverso; e que todas as imaginações do meu coração, por natureza, são somente más continuamente:
Por isso, estou convencido de que isto é certo".

Assim, um homem pode ser convencido do pecado pela lei.

2. Da justiça pela lei

II. Para convencer o homem da justiça por meio da lei, considera .
Todos os que são das obras da lei estão debaixo da maldição, porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para as fazer.

Aqui o apóstolo ensina-nos três coisas:

1. Que, por causa da nossa pecaminosidade natural, é tão certa a impossibilidade de um homem ser justificado pelas obras da lei, que os que buscam a justificação pelas obras da lei estão expostos à maldição de Deus por terem infringido a lei: Porque todos os que são das obras da lei estão debaixo da maldição, diz ele.

2. Que, para o perfeito cumprimento da lei, não basta cumprir um ou dois dos preceitos, ou fazer alguns, ou todos os deveres (se fosse possível) durante algum tempo; porque a lei exige que o homem continue a fazer todas as coisas que estão escritas no livro da lei.

3. Que, como nenhum homem pode chegar a esta perfeição, todo o homem está por natureza debaixo da maldição, pois a lei diz: Maldito todo aquele que não

permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para as pôr por obra.

Ora, estar debaixo da maldição compreende todo o desagrado de Deus, com o perigo de que se desencadeie cada vez mais a sua ira sobre a alma e o corpo, tanto nesta vida, como depois da morte perpetuamente, se a graça não impedir a sua plena execução.

Portanto, que todo o homem raciocine assim:
"Todo aquele que, segundo o pacto das obras, está exposto à maldição de Deus por ter infringido a lei, vezes e de muitas maneiras, não pode ser justificado nem achar a justiça pelas obras da lei.

Mas eu, segundo o pacto das obras, estou exposto à maldição de Deus por ter infringido a lei várias vezes e de muitas maneiras:

Por isso, não posso ser justificado, nem ter justiça pelas obras da lei".

Assim se pode o homem convencer de que a justiça não se obtém pelas suas próprias obras nem pela lei.

3. Do juízo pela lei

III. Para convencer um homem do juízo pela lei, considera .

O Senhor Jesus se manifestará desde o céu com os seus poderosos anjos, Ver. 8 Em fogo ardente, tomando vingança dos que não conhecem a Deus, e não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo: Versículo 9 (). Os quais serão castigados com destruição eterna, da presença do Senhor, e da glória do seu poder; Ver. 10. Quando ele vier para ser glorificado nos seus santos, e para ser admirado em todos os que creem.

Onde se nos ensina que o nosso Senhor Jesus, que agora se oferece como Mediador para os que creem nele, virá no último dia armado com fogo ardente, para julgar, condenar e destruir todos os que não creram em Deus, não receberam a oferta de graça feita no evangelho, nem obedeceram à sua doutrina, mas permanecem no seu estado natural, debaixo da lei ou pacto das obras.

Portanto, que todo o homem raciocine assim:
"O que o Juiz justo me advertiu que se fará no último dia, estou seguro de que é um juízo justo:

"Mas o justo Juiz advertiu-me que, se eu não crer em Deus a tempo, e não obedecer à doutrina do evangelho, serei afastado da sua presença e da sua glória no último dia, e serei atormentado em alma e corpo para sempre:

"Portanto, estou convencido de que este é um juízo justo:

"E tenho motivos para dar graças de coração a Deus, que me preveniu para que fuja da ira que há de vir".

Assim, todo o homem pode estar, pela lei ou o pacto das obras, convencido do juízo, se continuar debaixo do pacto das obras, ou não obedecer ao evangelho de nosso Senhor Jesus.

4. Para convencer de Pecado, Justiça e Juízo pelo Evangelho

IV. Para convencer um homem do pecado, da justiça e do juízo, por meio do evangelho.

Quanto a convencer um homem do pecado, da justiça e do juízo por meio do evangelho, ou pacto da graça, deve entender três coisas: 1. Que não crer em Jesus Cristo, ou rejeitar o pacto da graça oferecido nele, é um pecado maior e mais perigoso do que todos os demais pecados contra a lei; porque os ouvintes do evangelho, ao não crerem em Cristo, rejeitam a misericórdia de Deus em Cristo, o único caminho para se libertarem do pecado e da ira, e não cederão para se reconciliarem com Deus. 2. Depois, deve entender que a remissão perfeita dos pecados e a verdadeira justiça só se obtêm pela fé em Jesus, porque Deus não requer nenhuma outra condição senão a fé, e testifica desde o céu que se compraz em justificar os pecadores sob esta condição. 3. Deve compreender que, se receber a justiça pela fé, o juízo se seguirá, por um lado, à destruição das obras do diabo no crente, e à perfeição da obra de santificação nele, com poder; e que, se se recusar a receber a justiça pela fé em Jesus Cristo, o juízo se seguirá, por outro lado, à condenação do incrédulo, e à sua destruição com Satanás e os seus servos para sempre.

Para este fim, sirvam estas passagens da Escritura, entre muitas outras, para fazer ver a grandeza do pecado de não crer em Cristo; ou, para fazer ver a grandeza do pecado de rejeitar o pacto da graça que nos é oferecido, na oferta de Cristo a nós, que se olhe a justa oferta de graça tal como é feita, Isaías 55:3. Inclinai o vosso ouvido e vinde a mim (diz o Senhor); ouvi, e a vossa alma viverá; e farei convosco um pacto eterno, as misericórdias seguras de David. Isto é, se me crerdes e vos reconciliardes comigo, dar-vos-ei por pacto Cristo e todas as graças salvadoras nele: repete .

Além disso, considera que esta oferta geral, em substância, equivale a uma oferta especial feita a cada um em particular, como parece que o apóstolo faz uso dela, . Crê no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo, tu e a tua casa. A razão desta oferta dá-se em João 3:16. Porque tanto amou Deus o mundo, que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Vendo, pois, que esta grande salvação se oferece no Senhor Jesus, aquele que não crê nele, mas busca a felicidade de outra maneira, que faz senão observar vaidades mentirosas, e abandonar a sua própria misericórdia, que poderia ter tido em Cristo? Jonas 2:8,9. Que outra coisa faz senão blasfemar de Deus no seu coração? como se diz, 1 João 5:10,11. Aquele que não crê em Deus fê-lo mentiroso; porque não crê no testemunho

que Deus deu do seu Filho. E este é o testemunho, que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho. E que nenhum pecado contra a lei é semelhante a este pecado, testifica-o Cristo, João 15:22. Se eu não tivesse vindo e lhes tivesse falado, não teriam pecado; mas agora não têm desculpa para o seu pecado. Isto pode convencer o homem da grandeza deste pecado de não crer em Cristo.

5. Da justiça que se tem somente pela fé em Cristo

Para convencer um homem da justiça que se tem somente pela fé em Jesus Cristo, considera como, Romanos 10:3,4.
Diz-se que os judeus, sendo ignorantes da justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se submeteram à justiça de Deus (e por isso pereceram). Porque Cristo é o fim da lei para justiça de todo aquele que crê. E Atos 13:39. Nele todos os que creem são justificados de todas as coisas, das quais não podíeis ser justificados pela lei de Moisés. E 1 João 1:7. O sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado.

Para convencer um homem do juízo, se um homem abraça esta justiça, considera 1 João 3:8. Para isto se manifestou o Filho de Deus, para destruir as obras do diabo. E Hebreus 9:14. Quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará a vossa consciência das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?

Mas se um homem não abraça esta justiça, a sua condenação está pronunciada, João 3:18,19. Aquele que não crê já está condenado, porque não creu no nome do unigênito Filho de Deus. E esta é a condenação: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz.

Portanto, que o penitente, desejando crer, raciocine assim:
"O que basta para convencer todos os eleitos do mundo da grandeza do pecado de não crer em Cristo, ou de se recusarem a ir a ele para serem libertados dos pecados cometidos contra a lei, e da ira devida a ela? e o que basta para os convencer de que a justiça e a vida eterna se obtêm pela fé em Jesus Cristo, ou pelo consentimento do pacto da graça nele; e o que basta para os convencer do juízo que Cristo há de exercer, para destruir as obras do diabo no homem, e santificar e salvar todos os que nele creem, pode bastar também para me convencer a mim:

"Mas o que o Espírito disse, nestas ou noutras escrituras semelhantes, basta para convencer o mundo eleito do pecado, da justiça e do juízo mencionados:

"Portanto, o que o Espírito disse nestas e noutras escrituras semelhantes, serve também para me convencer disso.

Portanto, que o penitente que deseje crer tome estas palavras e se diga a si mesmo de coração, já que tu dizes: Buscai o meu rosto; a minha alma te responde: O teu rosto, Senhor, buscarei. Ouvi a oferta de um pacto eterno de todas as misericórdias

salvadoras que se têm em Cristo, e aceito de coração a tua oferta. Senhor, que seja um pacto; Senhor, eu creio; ajuda a minha incredulidade: Eis que me entrego a ti, para te servir em tudo para sempre; e espero que a tua destra me salve: o Senhor aperfeiçoará o que me concerne: a tua misericórdia, Senhor, é eterna; não abandones as obras das tuas mãos.
Assim pode um homem tornar-se um crente não fingido em Cristo.

6. Para fortalecer a fé do homem

Para fortalecer a fé do homem que aderiu ao pacto da graça.

Visto que muitos verdadeiros crentes são fracos, e duvidam muito se alguma vez estarão seguros da solidez da sua própria fé e do chamamento eficaz, ou se estarão seguros da sua justificação e salvação, quando veem que muitos, que professam a fé, enganam-se a si mesmos; vejamos como cada crente pode ser fortalecido na fé, e estar seguro da sua própria eleição e salvação sobre bases sólidas, por meio de garantias seguras, e verdadeiras evidências de fé. Para este fim, entre muitas outras escrituras, tomemos as seguintes.

I. Para estabelecer bases sólidas de fé, considera 2 Pedro 1:10. Portanto, irmãos, procurai antes assegurar a vossa vocação e eleição, porque se fizerdes estas coisas, nunca cairei jamais.
Nestas palavras, o apóstolo ensina-nos estas quatro coisas, como ajuda e direção para nos fortalecermos na fé.

1. Que os que creem em Cristo Jesus e recorrem a ele para se livrarem do pecado e da ira, ainda que fracos na fé, são em verdade filhos do mesmo Pai que os apóstolos; pois assim os considera, ao chamar-lhes irmãos.

2. Que, ainda que não estejamos seguros, por ora, da nossa vocação e eleição efetivas, contudo, podemos estar seguros de ambas, se pusermos diligência; pois isto pressupõe-se, ao dizer: Ponde diligência em fazer segura a vossa vocação e eleição.

3. Que não devemos desanimar-nos quando virmos que muitos crentes aparentes são ramos podres e desertam, mas devemos antes cuidar melhor de nós mesmos: Portanto, irmãos, diz ele, antes prestai toda a atenção.

4. Que a maneira de estarmos seguros do nosso chamamento e eleição efetivos é fazer uma obra segura da nossa fé, lançando solidamente os seus fundamentos, e produzindo constantemente os frutos da nossa fé numa nova obediência: Porque se fizerdes estas coisas, diz, nunca cairei; entendendo por estas coisas o que tinha dito acerca da fé sólida, versículos 1, 2, 3, 4 (2 Pedro 1:1-4), e o que tinha dito acerca da produção dos frutos da fé, versículos 5, 6, 7, 8, 9 (2 Pedro 1:5-9).

II. Para este mesmo propósito, considera Romanos 8:1. Agora, pois, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne,

mas segundo o Espírito. Versículo 2 (Romanos 8:2). Porque a lei do Espírito de vida em Cristo Jesus me livrou da lei do pecado e da morte. Versículo 3 (Romanos 8:3). Porque o que era impossível à lei, visto que estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne de pecado, e por causa do pecado, condenou o pecado na carne; Versículo 4. Para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.

Onde o apóstolo nos ensina estas quatro coisas, para estabelecer solidamente o fundamento da fé.

1. Que todo aquele que, no sentido do seu pecado, e no temor da ira de Deus, foge para o alívio completo de ambos somente a Jesus Cristo, como o único Mediador e Redentor todo-suficiente dos homens; e, tendo fugido para Cristo, se esforça contra a sua própria carne, ou a inclinação corrupta da natureza, e se aplica a seguir a regra do Espírito de Deus, estabelecida na sua palavra, é um verdadeiro crente: porque o homem, a quem o apóstolo aqui abençoa como verdadeiro crente, é um homem em Cristo Jesus, que não anda segundo a carne, mas segundo o Espírito.

2. Que todas as pessoas que fugiram para Cristo, e que lutam contra o pecado, por mais que estejam exercitadas sob o sentido da ira e o temor da condenação, não estão em perigo; porque nenhuma condenação há (diz ele) para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito.

3. Que, ainda que o próprio apóstolo (trazido aqui por causa do exemplo) e todos os demais verdadeiros crentes em Cristo estejam por natureza debaixo da lei do pecado e da morte, ou debaixo do pacto das obras (chamada a lei do pecado e da morte, porque ata o pecado e a morte sobre nós, até que Cristo nos liberte); contudo, a lei do Espírito de vida em Cristo Jesus, ou o pacto da graça (assim chamado porque capacita e vivifica o homem para uma vida espiritual por meio de Cristo), liberta o apóstolo e todos os verdadeiros crentes do pacto das obras, ou da lei do pecado e da morte: de modo que todo o homem pode dizer com ele: A lei do Espírito de vida, ou o pacto da graça, libertou-me da lei do pecado e da morte, ou pacto das obras.

4. Que a fonte e o primeiro fundamento, de onde flui a nossa liberdade da maldição da lei, é o pacto de redenção, celebrado entre Deus e Deus Filho encarnado, no qual Cristo toma sobre si a maldição da lei por causa do pecado, para que o crente, que de outro modo não poderia ser libertado do pacto das obras, seja dele libertado. E esta doutrina o apóstolo sustenta-a nestes quatro ramos: (1) Que era totalmente impossível que a lei, ou o pacto das obras, trouxesse justiça e vida ao pecador, porque era fraca. (2) Que esta fraqueza e incapacidade da lei, ou pacto das obras, não é culpa da lei, mas da carne pecaminosa, que não é capaz de pagar a pena do pecado, nem de dar perfeita obediência à lei (pressupondo que os pecados passados foram perdoados): A lei era fraca (diz ele) pela carne. (3) Que a justiça e a salvação dos pecadores, que era impossível realizar por meio da lei, se leva a cabo mediante o envio do próprio Filho de Deus, Jesus Cristo, em carne, na qual carne o pecado é condenado e castigado, para satisfazer a favor dos eleitos, a fim de que sejam libertados. (4) Que, por seu meio, a lei nada perde, porque a justiça da lei se cumpre melhor desta maneira: primeiro, pela perfeita obediência ativa de Cristo à lei em

nosso nome em todas as coisas; depois, pelo seu pagamento em nosso nome da pena (devida aos nossos pecados) na sua morte; e, por último, pela sua obra de santificação em nós, que somos verdadeiros crentes, que nos esforçamos por dar uma nova obediência à lei, e não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito.

Garantias e motivos para crer

Para construirmos a nossa confiança sobre este sólido terreno,
podem servir-nos estas quatro seguintes garantias e motivos especiais para crer em Cristo.

1. O cordial convite de Deus

A primeira delas é o cordial convite de Deus, sustentado em Isaías 55:1,2,3,4,5.

Versículo 1. Todo aquele que tem sede, venha às águas, e o que não tem dinheiro, venha, compre e coma; sim, venha, compre vinho e leite sem dinheiro e sem preço. Versículo 2. Por que gastais dinheiro naquilo que não é pão, e o vosso trabalho naquilo que não satisfaz? Ouvi-me com atenção e comei o que é bom, e que a vossa alma se deleite na gordura. Versículo 3. Inclinai o vosso ouvido e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá; e farei convosco um pacto eterno, as misericórdias seguras de David. Versículo 4. Eis que o dei por testemunha aos povos, por chefe e comandante dos povos, etc.

Aqui (depois de expor o precioso resgate da nossa redenção pelos sofrimentos de Cristo, e as ricas bênçãos adquiridas por ela, nos dois capítulos anteriores) o Senhor, neste capítulo,

1. Faz uma oferta aberta de Cristo e da sua graça, mediante a proclamação de um mercado gratuito e de graça da justiça e da salvação, que se pode obter através de Cristo por toda a alma, sem exceção, que realmente deseje ser salva do pecado e da ira: Ó, todo aquele que tem sede, diz ele.

2. Convida todos os pecadores que, por qualquer motivo, estão afastados de Deus, a virem e tomarem dele as riquezas da graça, que correm em Cristo como um rio, para lavar o pecado e apagar a ira: Vinde às águas, diz ele.

3. Para que ninguém se detenha no sentido da sua própria pecaminosidade ou indignidade, e da sua incapacidade de fazer algum bem, o Senhor chama essas pessoas em especial, dizendo: O que não tem dinheiro, venha.

4. Não pede mais ao seu comprador, senão que se agrade da mercadoria oferecida, que é graça e mais graça; e que consinta de coração e aceite esta oferta de graça, para que assim possa fechar um trato e um pacto formal com Deus: Vinde, comprai sem

dinheiro (diz), vinde, comei: isto é, consenti em ter e tomar para vós todas as graças salvadoras; fazei vossa a mercadoria, possuí-a e fazei uso de todas as bênçãos em Cristo; tudo o que serve à vossa vida e conforto espiritual, usai-o e desfrutai-o livremente, sem pagar nada por isso: Vinde, comprai vinho e leite sem dinheiro e sem preço, diz ele.

5. Porque o Senhor sabe quanto nos inclinamos a buscar a justiça e a vida por meio das nossas próprias ações e satisfações, a ter a justiça e a vida como se fosse pelo caminho das obras, e quanto resistimos a abraçar Jesus Cristo, e a tomar a vida por meio da graça gratuita através de Jesus Cristo, nos termos em que nos é oferecida; por isso, o Senhor chama-nos amorosamente a sair deste nosso caminho torto e infeliz com uma advertência suave e oportuna, dando-nos a entender que não faremos senão perder o nosso trabalho neste nosso caminho: Por que gastais o vosso dinheiro (diz) naquilo que não é pão, e o vosso trabalho naquilo que não satisfaz?

6. O Senhor promete-nos uma sólida satisfação no caminho de nos entregarmos à graça de Cristo, mesmo o verdadeiro contentamento e a plenitude do prazer espiritual, dizendo: Ouvi-me com diligência, e comei o que é bom, e que a vossa alma se deleite na gordura.
7. Porque a fé vem pelo ouvir, pede que se ouça a explicação da oferta, e pede que se creia e se ouça a verdade, que é capaz de gerar a aplicação da fé salvadora, e de atrair a alma à confiança em Deus: Inclinai o vosso ouvido e vinde a mim, diz. Para este fim, o Senhor promete que esta oferta, ao ser recebida, vivificará o pecador morto; e que, ao aceitar esta oferta, fechará o pacto da graça com o homem que nela consentir, mesmo um pacto indissolúvel de reconciliação e paz perpétuas: Ouve, e a tua alma viverá; e farei contigo um pacto eterno. Este pacto, declara, será em essência a atribuição e a entrega de todas as graças salvadoras que David (que é Jesus Cristo, Atos 13:34) comprou para nós no pacto de redenção: Farei convosco um pacto (diz ele), as misericórdias seguras de David. Por misericórdias seguras, quer dizer graças salvadoras, tais como a justiça, a paz e o gozo no Espírito Santo, a adoção, a santificação e a glorificação, e tudo o que pertence à piedade e à vida eterna.

8. Para confirmar e assegurar a concessão real destas misericórdias salvadoras, e para nos persuadir da realidade do pacto entre Deus e o crente desta palavra, o Pai fez um quádruplo dom do seu Filho eterno e unigênito:

Em primeiro lugar, encarnar-se e nascer por nós, da semente de David, seu tipo; pelo que aqui é chamado, e em Atos 13:34, DAVID, o verdadeiro e eterno Rei de Israel. Este é o grande dom de Deus ao homem, João 4:10. E aqui, dei-o para ser David ou nascido de David, ao povo.

Em segundo lugar, fez um dom de Cristo para que fosse testemunha para o povo, tanto das misericórdias seguras e salvadoras concedidas aos redimidos no pacto de redenção; como também da vontade e do propósito do Pai de as aplicar, e de as tornar firmes no pacto de reconciliação feito com os que aceitam a oferta: Dei-o (diz aqui o Senhor) para que seja testemunha do povo. E, na verdade, é uma testemunha suficiente nesta matéria em muitos aspectos: 1. Porque é uma das Pessoas da bendita

Trindade, e contratante por nós, no pacto de redenção, antes que o mundo existisse. 2. Porque, como Mediador, é o mensageiro do pacto e tem a missão de o revelar. 3. Começou a revelá-lo no paraíso, onde prometeu que a semente da mulher feriria a cabeça da serpente. 4º, expôs a sua própria morte e sofrimentos, e os grandes benefícios que nos traria, nos tipos e figuras de sacrifícios e cerimónias antes da sua vinda. 5º, deu cada vez mais luz sobre este pacto, falando pelo seu Espírito, de geração em geração, nos santos profetas. 6º, veio ele mesmo, na plenitude dos tempos, e deu testemunho de todas as coisas que pertencem a este pacto, e da vontade de Deus de acolher os crentes nele; em parte, unindo a nossa natureza numa só pessoa com a natureza divina; em parte, pregando as boas novas do pacto com a sua própria boca; em parte, pagando o preço da redenção na cruz; e em parte, tratando ainda com o povo, desde o princípio até hoje, para atrair e reter os redimidos neste pacto.
Em terceiro lugar, Deus deu Cristo, como líder do povo, para nos levar através de todas as dificuldades, todas as aflições e tentações, até à vida, por meio deste pacto; e é ele, e não outro, quem realmente conduz os seus ao pacto; e, no pacto, todo o caminho para a salvação: 1. Pela direção da sua palavra e do seu Espírito. 2. Pelo exemplo da sua própria vida, em fé e obediência, até à morte de cruz. 3. Pela sua poderosa ação, levando os seus redimidos nos seus braços, e fazendo com que se apoiem nele, enquanto sobem pelo deserto.
Em quarto lugar, Deus deu ao seu povo Cristo como comandante, cargo que exerce fielmente, dando à sua igreja e ao seu povo leis e ordenanças, pastores e governadores, e todos os funcionários necessários; mantendo tribunais e assembleias entre eles, para ver que as suas leis sejam obedecidas; submetendo, pela sua palavra, Espírito e disciplina, as corrupções do seu povo; e, pela sua Sabedoria e poder, protegendo-o contra todos os seus inimigos.

Portanto, aquele que fechou um trato com Deus pode fortalecer a sua fé, raciocinando desta maneira:

"Quem receber de coração a oferta de graça gratuita, feita aqui aos pecadores, sedentos de justiça e salvação: a ele, por um pacto eterno, pertence Cristo, o verdadeiro David, com todas as suas misericórdias seguras e salvadoras:

"Mas eu (pode dizer o crente fraco) recebo de coração a oferta de graça gratuita feita aqui aos pecadores, sedentos de justiça e salvação:

"Por isso, a mim, por um pacto eterno, pertence-me Cristo Jesus, com todas as suas misericórdias seguras e salvadoras".

2. O seu fervoroso pedido de reconciliação

A segunda garantia e motivo especial para abraçarmos a Cristo e crermos nele é o fervoroso pedido que Deus nos faz de que nos reconciliemos com ele em Cristo, como se indica em 2 Coríntios 5:14,19,20,21.

Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo, não lhes imputando os seus delitos; e encomendou-nos a palavra da reconciliação. Versículo 20. Somos, pois, embaixadores de Cristo, como se Deus vos rogasse por nosso intermédio; rogamos-vos em nome de Cristo que vos reconcilieis com Deus. Versículo 21. Porque àquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus.

Onde o apóstolo nos ensina estas nove doutrinas:

Primeira, que o mundo eleito, ou o mundo das almas redimidas, está por natureza em estado de inimizade com Deus: isto pressupõe-se na palavra reconciliação; porque a reconciliação, ou a renovação da amizade, só pode dar-se entre os que estiveram inimizados.

Segunda, que em todo o tempo passado, desde a queda de Adão, Cristo Jesus, o Filho eterno de Deus, como Mediador, e o Pai nele, tem estado a fazer amizade (pela sua palavra e Espírito) entre ele e o mundo eleito: Deus (diz) estava em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo.

Terceira, que o caminho da reconciliação tem sido em todas as épocas um e o mesmo em essência, isto é, perdoando os pecados dos que reconhecem os seus pecados e a sua inimizade com Deus, e buscam a reconciliação e a remissão dos pecados em Cristo: Porque Deus (diz) estava em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo, não lhes imputando os seus pecados.

Quarta, que o fim e o alcance do evangelho, e de toda a Palavra de Deus, é tríplice: (1.) Serve para tornar as pessoas conscientes dos seus pecados e da sua inimizade com Deus, e do perigo que correm se se mantiverem à margem e não temerem o desagrado de Deus. (2.) A Palavra de Deus serve para dar a conhecer aos homens o caminho que Deus preparou para estabelecer amizade com eles por meio de Cristo, isto é, que se os homens reconhecerem a inimizade, e se contentarem em entrar num pacto de amizade com Deus por meio de Cristo, então Deus se contentará em reconciliar-se livremente com eles. (3.) A Palavra de Deus serve para ensinar os homens a comportarem-se com Deus, como amigos, depois de se terem reconciliado com ele, isto é, a não pecar contra ele, e a esforçar-se de coração por obedecer aos seus mandamentos: e por isso a Palavra de Deus se chama aqui palavra da reconciliação, porque nos ensina que necessidade temos de reconciliação, e como fazê-la, e como guardar a reconciliação de amizade, feita com Deus por meio de Cristo.

Quinta, que, ainda que o ouvir, crer e obedecer a esta palavra pertença a todos aqueles a quem chega este evangelho; contudo, o ofício de o pregar com autoridade não pertence a ninguém, senão apenas aos que Deus chama para o seu ministério e envia com comissão para esta obra. Isto é o que o apóstolo sustenta, Ver. 19, nestas palavras: Encomendou-nos a palavra da reconciliação.

Sexta, que os ministros do evangelho devem comportar-se como mensageiros de Cristo, e devem seguir de perto a sua comissão estabelecida na palavra, Mateus 28:19,20; e quando o fazem, devem ser recebidos pelo povo como embaixadores de Deus; porque aqui o apóstolo, em todos os seus nomes, diz: Somos embaixadores de Cristo, como se Deus vos suplicasse por nosso intermédio.

Sétima, que os ministros, com toda a seriedade de afetos, devem tratar com o povo para que reconheça os seus pecados e a sua natural inimizade com Deus, cada vez mais seriamente; e para que consinta no pacto da graça e no abraço de Cristo cada vez mais sinceramente; e para que evidencie cada vez mais claramente a sua reconciliação, por meio de um comportamento santo diante de Deus. Isto é o que sustenta quando diz: Rogamo-vos que vos reconcilieis com Deus.

Oitava, que no trato afetuoso dos ministros com o povo, este deve considerar que tem a ver com Deus e com Cristo, que lhes pedem, por meio dos ministros, que se reconciliem. Ora, não pode haver maior estímulo para quebrantar o duro coração de um pecador do que o fato de Deus lhe pedir amizade; porque quando a nós, que tantos agravos temos feito a Deus, nos conviria buscar a amizade de Deus, ele previne-nos; e (ó maravilha das maravilhas!) pede-nos que nos contentemos em reconciliar-nos com ele; e por isso, a ira mais temível deve habitar naqueles que se expõem à luz por este pedido, e não cedem quando ouvem os ministros com comissão, dizendo: Somos embaixadores de Cristo, como se Deus vos suplicasse por nosso intermédio: rogamos-vos em nome de Cristo, que vos reconcilieis com Deus.

Nona, para que se veja como é que o pacto de reconciliação se estabelece tão facilmente entre Deus e um humilde pecador que foge para Cristo, o apóstolo conduz-nos à causa disso, exposta no pacto de redenção, cujo resumo é o seguinte: "Ficou acordado entre Deus e o Mediador Jesus Cristo, Filho de Deus, fiador dos redimidos, como partes contratantes, que os pecados dos redimidos sejam imputados a Cristo inocente, e que este seja condenado e morto por eles, com esta mesma condição, que quem consentir de coração no pacto de reconciliação oferecido por meio de Cristo será, pela imputação da sua obediência a eles, justificado e considerado justo diante de Deus; porque Deus fez que Cristo, que não conheceu pecado, se fizesse pecado por nós, diz o apóstolo, para que nele fôssemos feitos justiça de Deus."

Portanto, um crente fraco pode fortalecer a sua fé, raciocinando a partir desta base da seguinte maneira:

"Aquele que, pelo amoroso pedido de Deus e de Cristo, feito a ele por boca dos ministros (tendo uma comissão para tal efeito), abraçou a oferta de reconciliação perpétua por meio de Cristo, e se propõe, pela graça de Deus, como pessoa reconciliada, a lutar contra o pecado, e a servir a Deus com o seu poder constantemente, pode estar tão seguro de que lhe será dada a justiça e a vida eterna, pela obediência de Cristo que lhe é imputada, como é seguro que Cristo foi condenado e condenado à morte pelos pecados dos redimidos que lhe foram imputados:

"Mas eu (pode dizer o crente fraco), pelo amoroso pedido de Deus e de Cristo, feito a mim por boca dos seus ministros, abracei a oferta da reconciliação perpétua por meio de Cristo, e proponho-me, pela graça de Deus, como pessoa reconciliada, a lutar contra o pecado, e a servir a Deus com o meu poder constantemente:

"Por isso, posso estar tão seguro de que me será dada a justiça e a vida eterna, pela obediência de Cristo que me é imputada, como é seguro que Cristo foi condenado e morto pelos pecados dos redimidos que lhe foram imputados".

3. O seu mandamento, exigindo a todos que creiam

A terceira garantia e motivo especial para crer em Cristo é o mandamento estrito e terrível de Deus, que ordena a todos os ouvintes do evangelho que se acheguem a Cristo na ordem estabelecida por ele, e que creiam nele; sustentado em 1 João 3:23.

Este é o seu mandamento: Que creiamos no nome do seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, como nos deu o mandamento.

Onde o apóstolo nos dá a entender estas cinco doutrinas:

1. Que se alguém não se deixar levar pelo doce convite de Deus, nem pelo humilde e amoroso pedido de Deus, feito para se reconciliar, verá que tem a ver com a autoridade soberana da mais alta Majestade; porque este é o seu mandamento, que creiamos nele, diz.

2. Que se alguém, tendo até agora olhado os mandamentos descuidados da lei, olhar este mandamento, deve considerar que este é um mandamento do evangelho, posterior à lei, dado para se fazer uso do remédio de todos os pecados; o qual, se for desobedecido, não há outro mandamento a seguir senão este: Ide, malditos, para o fogo eterno do inferno; porque este é o seu mandamento, cuja obediência é muito agradável aos seus olhos, v. 22, e sem a qual é impossível agradar-lhe, Hebreus 11:6.

3. O crente fraco não deve pensar que é presunção fazer o que lhe é ordenado; a pessoa inclinada ao desespero deve levantar-se e pensar na obediência a este doce e salvador mandamento; o crente forte deve mergulhar ainda mais no sentido da necessidade que tem de Jesus Cristo, e crescer cada vez mais na obediência a este mandamento; sim, a pessoa mais impenitente, profana e ímpia não deve excluir-se a si mesma, nem ser excluída por outros, do alvo ordenado deste dever, por mais desesperada que pareça a sua condição; porque aquele que ordena a todos os homens que creiam em Cristo, ordena por isso a todos os homens que creiam que estão condenados e perdidos sem Cristo: Portanto, ordena a todos os homens que reconheçam os seus pecados e a sua necessidade de Cristo, e, com efeito, ordena a todos os homens que se arrependam, para que possam crer nele. E os que se recusam a arrepender-se dos seus pecados passados são culpados de desobediência a este mandamento dado a todos os ouvintes, mas especialmente aos que estão dentro da igreja visível: Porque este é o seu mandamento, que creiamos no nome do seu Filho

Jesus Cristo, diz ele.

4. Que aquele que obedece a este mandamento edificou a sua salvação sobre uma base sólida, pois, em primeiro lugar, encontrou o Messias prometido, plenamente dotado de todas as perfeições para a perfeita execução dos ofícios de Profeta, Sacerdote e Rei; pois ele é esse Cristo em quem o homem crê. 2. Abraçou um Salvador, que é capaz de salvar até ao extremo, sim, e que salva eficazmente todo aquele que se aproxima de Deus por meio dele; porque é Jesus, o verdadeiro Salvador do seu povo dos seus pecados. 3. Aquele que obedece a este mandamento edificou a sua salvação sobre a Rocha, isto é, sobre o Filho de Deus, a quem não é usurpação ser chamado igual ao Pai, e que é digno de ser objeto de fé salvadora, e de culto espiritual: porque este é o seu mandamento (diz ele) que creiamos no nome do seu Filho Jesus Cristo.

5. Que aquele que creu em Jesus Cristo, ainda que esteja livre da maldição da lei, não está livre do mandamento e da obediência da lei, mas está a ela ligado por uma nova obrigação e um novo mandamento de Cristo; este novo mandamento de Cristo implica a ajuda para obedecer ao mandamento: a este mandamento de Cristo, o Pai acrescenta também a sua autoridade e o seu mandamento; porque este é o seu mandamento (diz João) que creiamos no nome do seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, como nos ordenou. A primeira parte deste mandamento, que ordena crer nele, implica necessariamente o amor a Deus, e por isso a obediência à primeira tábua; porque crer em Deus e amar a Deus são inseparáveis; e a segunda parte do mandamento ordena o amor ao nosso próximo (especialmente à família da fé) e por isso a obediência à segunda tábua da lei.

Portanto, um crente fraco pode fortalecer-se a si mesmo, raciocinando a partir desta base da seguinte maneira:

"Aquele que, no sentido da sua própria pecaminosidade, e no temor da ira de Deus, por mandamento de Deus, foge para Jesus Cristo, o único remédio do pecado e da miséria, e comprometeu o seu coração à obediência da lei do amor, a sua fé não é presunçosa ou morta, mas verdadeira e salvadora:

"Mas eu (pode dizer o crente fraco), no sentido da minha própria pecaminosidade, e no temor da ira de Deus, fugi para Jesus Cristo, o único remédio do pecado e da miséria, e comprometi o meu coração à obediência da lei do amor:

"Por isso, a minha fé não é uma fé presunçosa e morta, mas uma fé verdadeira e salvadora".

4. Muita segurança de vida dada aos crentes

A quarta garantia e motivo especial para crer em Cristo é a grande segurança de vida que se dá, caso os homens obedeçam ao mandamento de crer; e uma temível certificação de destruição, caso não obedeçam; sustentada em João 3:35.

Ver. 35. O Pai ama o Filho, e entregou todas as coisas na sua mão. Ver. 36. Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; e aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele.

Nela apresentam-se-nos estas cinco doutrinas seguintes:

1. Que o Pai está bem satisfeito com os compromissos do Filho, como Redentor e Fiador, para pagar o resgate dos crentes e os aperfeiçoar em santidade e salvação: O Pai ama o Filho, diz, isto é, está como mediador em nosso nome, comprometendo-se a aperfeiçoar a nossa redenção em todos os pontos: O Pai ama-o, isto é, aceita de coração o seu oferecimento de fazer a obra, e compraz-se nele: a sua alma deleita-se nele, e descansa nele, e converte-o, neste seu ofício, no recetáculo do amor, e da graça, e da boa vontade, para serem transmitidos por ele aos crentes nele.

2. Que, para o cumprimento do pacto de redenção, o Pai deu ao Filho (que está na qualidade de Mediador, ou é Deus encarnado, o Verbo feito carne) toda a autoridade no céu e na terra, todo o tesouro das riquezas da graça, e do espírito e da vida, com todo o poder e a capacidade que a união da natureza divina com a humana, ou que a plenitude da Divindade, que habita substancialmente na sua natureza humana, ou que a indivisível autossuficiência e onipotência da inseparável e sempre presente Trindade implica, ou que a obra da redenção possa requerer: O Pai (diz) entregou todas as coisas na mão do Filho, isto é, para realizar a sua obra.

3. Oferece-se uma grande segurança de vida a todos os que recebam de coração Cristo e a oferta do pacto da graça e reconciliação por meio dele: Aquele que crê no Filho (diz ele) tem a vida eterna; porque lhe está fixada, 1. No propósito de Deus, e no decreto irrevogável, visto que o crente é um homem eleito para a vida. 2. Pelo chamamento eficaz dele à vida por parte de Deus, que, sendo fiel, assim o fará. 3. Pela promessa e o pacto eterno, jurados por Deus, para dar ao crente forte consolo na vida e na morte, sobre bases imutáveis. 4. Por um penhor e selo sob o grande selo do sacramento da ceia, sempre que o crente vier receber os símbolos e penhores de vida. 5. Em Cristo, a fonte e a cabeça da vida, que entra na posse, como advogado dos crentes; em quem a nossa vida está de tal modo depositada, que não pode ser tirada. 6. Pela posse iniciada da vida espiritual e da regeneração, e um reino que consiste em justiça, paz e gozo no Espírito Santo, erigido dentro do crente, como penhor da plena posse da vida eterna.

4. Dá-se uma temível certificação, se um homem não receber a doutrina relativa à justiça e à vida eterna que se tem por Jesus Cristo: Aquele que não crê no Filho não verá a vida, isto é, nem sequer entenderá o que ela significa.

5. Além disso, certifica que, se um homem não receber a doutrina do Filho de Deus, será carregado duas vezes com a ira de Deus; primeiro, como rebelde de nascença por natureza, suportará a maldição da lei, ou o pacto das obras; e depois, sofrerá uma condenação maior, visto que, tendo vindo a luz ao mundo, e tendo-lhe sido oferecida, a rejeitou, e ama mais as trevas do que a luz: e esta dupla ira se aferrará e fixará imovelmente sobre ele, enquanto permanecer na condição de incredulidade: A ira de

Deus permanece sobre ele, diz.

Portanto, o crente fraco pode fortalecer a sua fé, raciocinando a partir desta base da seguinte maneira:

"Aquele que crê na doutrina entregue pelo Filho de Deus, e se sente em parte poderosamente atraído a crer nele, pela visão da vida nele, e em parte impelido, pelo temor da ira de Deus, a aderir a ele, pode estar seguro do direito e do interesse à vida eterna por meio dele:

"Mas eu, pecador e indigno (pode dizer o crente fraco), creio na doutrina entregue pelo Filho de Deus, e sinto-me em parte poderosamente atraído a crer nele, pela visão da vida nele, e em parte impelido, pelo temor da ira de Deus, a aderir a ele:

"Por isso, posso estar seguro do meu direito e interesse à vida eterna por meio dele".

Evidências da verdadeira fé

Até aqui o estabelecimento das bases da fé, e as garantias para crer. Agora, para evidenciar a verdadeira fé por meio dos frutos, requerem-se estas quatro coisas: 1. Que o crente esteja solidamente convencido, no seu juízo, da sua obrigação de guardar toda a lei moral, todos os dias da sua vida; e que não menos, mas muito mais, é libertado por Cristo do pacto das obras, e da maldição da lei. 2. Que se esforce por crescer no exercício e na prática diária da piedade e da justiça. 3. Que o curso da sua nova obediência corra pelo caminho correto, isto é, mediante a fé em Cristo, e através de uma boa consciência, para todos os deveres do amor a Deus e aos homens. 4. Que mantenha uma estreita comunhão com a fonte de Cristo Jesus, da qual deve brotar a graça, para a obtenção de bons frutos.

1. A convicção da obrigação do crente de guardar a lei moral

Para a primeira, isto é, para convencer o crente, no seu juízo, da sua obrigação de guardar a lei moral, entre outras muitas passagens, tome-se Mateus 5:16.

Versículo 16. Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus. Versículo 17. Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim destruir, mas cumprir. Versículo 18. Porque em verdade vos digo que, até que passem o céu e a terra, nem um jota nem um til passará da lei, até que tudo se cumpra. Versículo 19. Portanto, qualquer que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; mas qualquer que os cumprir e os ensinar, esse será chamado grande no reino dos céus. Versículo 20. Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus.

Onde o nosso Senhor,

1. Dá o mandamento aos crentes, justificados pela fé, de darem evidência da graça de Deus neles diante dos homens, fazendo boas obras: Assim brilhe a vossa luz diante dos homens (diz ele) para que vejam as vossas boas obras.

2. Induz-nos a fazê-lo, mostrando que, ainda que não sejam justificados pelas obras, os espectadores das suas boas obras podem converter-se ou ser edificados; e assim a glória pode redundar em Deus pelas suas boas obras, quando as testemunhas delas glorificarem o vosso Pai que está nos céus.

3. Não lhes dá outra regra para a sua nova obediência senão a lei moral, estabelecida e explicada por Moisés e os profetas: Não penseis (diz) que vim destruir a lei ou os profetas.

4. Dá-lhes a entender que a doutrina da graça e da libertação da maldição da lei pela fé nele é facilmente confundida pelos juízos corruptos dos homens, como se perdesse ou diminuísse a obrigação dos crentes de obedecerem aos mandamentos e de estarem sujeitos à autoridade da lei; e que este erro é, com efeito, uma destruição da lei e dos profetas, o que ele em nenhum caso suportará em nenhum dos seus discípulos, pois é tão contrário ao fim da sua vinda, que é primeiro santificar e depois salvar os crentes: Não penseis (diz) que vim destruir a lei ou os profetas.

5. Ensina que o fim do evangelho e do pacto da graça é procurar a obediência dos homens à lei moral: Vim (diz) cumprir a lei e os profetas.

6. Que a obrigação da lei moral, em todos os pontos, a todos os deveres santos, é perpétua, e permanecerá até ao fim do mundo, isto é, até que passem o céu e a terra.

7. Que, assim como Deus tem cuidado das Escrituras desde o princípio, também terá cuidado delas até ao fim do mundo, para que não se retire nem um jota nem um til da sua substância; assim o diz o texto, Ver. 18.

8. Que, assim como a violação da lei moral, e a defesa das transgressões da mesma como se não fossem pecado, exclui os homens do céu, e justamente também da comunhão da verdadeira igreja; assim também a obediência à lei, e o ensino a outros para fazerem o mesmo, por meio do exemplo, do conselho e da doutrina, de acordo com a vocação de cada um, demonstra que um homem é um verdadeiro crente, e está em grande estima diante de Deus, e é digno de ser muito estimado pela verdadeira igreja, Ver. 19.

9. Que a justiça de todo o verdadeiro cristão deve ser maior do que a justiça dos escribas e fariseus; porque os escribas e fariseus, ainda que se esmerassem em cumprir diversos deveres da lei, encurtavam a exposição dos mesmos, para condenarem menos a sua prática; estudavam a parte exterior do dever, mas descuravam a parte interior e espiritual; cumpriam cuidadosamente alguns deveres mais mesquinhos, mas descuravam o juízo, a misericórdia e o amor de Deus: numa palavra, dedicaram-se a estabelecer a sua própria justiça, e rejeitaram a justiça de

Deus pela fé em Jesus. Mas um verdadeiro cristão deve ter mais do que tudo isto; deve reconhecer o pleno alcance do significado espiritual da lei, e ter respeito por todos os mandamentos, e esforçar-se por limpar-se de toda a sujidade de carne e espírito, e não pôr peso no serviço que fez, ou que fará, mas revestir-se da justiça imputada de Cristo, que é a única que pode ocultar a sua nudez, ou de outro modo não pode ser salvo; assim o diz o texto: Se a vossa justiça, etc.

2. Que o crente pratique as regras da piedade e da retidão

A segunda coisa que se requer para evidenciar a verdadeira fé é que o crente se esforce por pôr em prática as regras da piedade e da justiça, e que cresça no exercício diário das mesmas, segundo 2 Pedro 1:5.

Versículo 5. E além disto, com toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude; e à virtude, a ciência; Versículo 6. E à ciência, a temperança; e à temperança, a paciência; e à paciência, a piedade; Versículo 7. E à piedade, a fraternidade; e à fraternidade, a caridade. Versículo 8. Porque, se estas coisas estiverem em vós e abundarem, não vos deixarão ser estéreis nem infrutuosos no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.

Em que,

1. O apóstolo ensina os crentes, para evidenciarem a preciosa fé em si mesmos, a esforçarem-se por acrescentar à sua fé outras sete graças irmãs. A primeira é a Virtude, ou o exercício ativo e a prática de todos os deveres morais, para que assim a fé não seja ociosa, mas se manifeste na obra. A segunda é o Conhecimento, que serve para proporcionar à fé informação sobre a verdade que deve ser crida, e para proporcionar à virtude a direção dos deveres que devem ser feitos, e como levá-los a cabo prudentemente. A terceira é a Temperança, que serve para moderar o uso de todas as coisas prazenteiras, para que o homem não se obstrua com elas, nem se torne incapaz de qualquer dever para que seja chamado. A quarta é a Paciência, que serve para moderar os afetos do homem, quando encontra alguma dificuldade ou coisa desagradável; para que não se canse pelas penas requeridas no bem fazer, nem desanime quando o Senhor o castiga, nem murmure quando o contraria. A quinta é a piedade, que o mantém em todos os exercícios da religião, tanto internos como externos, com o que poderá ser provido por Deus para todos os demais deveres que deva cumprir. A sexta é a bondade fraternal, que mantém a estima e o afeto por toda a família da fé, e pela imagem de Deus em todos os lugares onde ela se vê. A sétima é o amor, que mantém o coração disposto a fazer o bem a todos os homens, sejam quem forem, em todas as ocasiões que Deus oferecer.

2. Ainda que seja certo que há muita corrupção e fraqueza nos piedosos; contudo, o apóstolo quer que os homens se esforcem retamente e façam tudo o que puderem, segundo a sua capacidade, para unir todas estas graças entre si, e para crescerem na medida do seu exercício: Pondo toda a diligência (diz), acrescentai à vossa fé, etc.

3. Assegura a todos os professos crentes que, assim como se beneficiarão da obediência a esta direção, também provarão proveitosamente a solidez da sua própria fé; e, se lhes faltarem estas graças, serão achados cegos enganadores de si mesmos, Ver. 9.

3. Que a obediência à Lei corra pelo caminho correto da fé em Cristo

O terceiro requisito para evidenciar a verdadeira fé é que a obediência à lei corra pelo caminho correto, isto é, por meio da fé em Cristo, etc., o que se sustenta em 1 Timóteo 1:5.

Ora, o fim do mandamento é o amor, de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé não fingida.

Onde o apóstolo ensina estas sete doutrinas:

1. Que a obediência da lei deve brotar do amor, e o amor de um coração puro, e um coração puro de uma boa consciência, e uma boa consciência da fé não fingida: este é o único canal correto das boas obras: O fim da lei é o amor, etc.

2. Que o fim da lei não é que os homens sejam justificados pela sua obediência a ela, pois é impossível que os pecadores possam ser justificados pela lei, os quais, por toda a transgressão, são condenados pela lei: Porque o fim da lei é o amor, de um coração puro, etc.

3. Que o verdadeiro fim da lei, pregada ao povo, é que este, ao ver pela lei a sua merecida condenação, fuja para Cristo sem fingimento, para ser justificado pela fé nele; assim o diz o texto, enquanto faz brotar o amor pela fé em Cristo.

4. Que nenhum homem pode pôr-se em amor para obedecer à lei, senão na medida em que a sua consciência se tranquilize pela fé, ou procure tranquilizar-se em Cristo; porque o fim da lei é o amor, a partir de uma boa consciência, e a fé não fingida.

5. Que a fé fingida vai a Cristo sem ter em conta a lei, e por isso não tem a que ir; mas a fé não fingida tem em conta a lei, e vê-se obrigada a fugir para se refugiar em Cristo, como fim da lei para a justiça, tantas vezes quantas se encontra culpada pela violação da lei: Porque o fim da lei é a fé não fingida.

6. Para que os frutos do amor se manifestem particularmente, é necessário que o coração seja levado ao ódio de todo o pecado e impureza, e a um firme propósito de seguir toda a santidade universalmente: Porque o fim da lei é o amor, de um coração puro.

7. Que a fé não fingida é capaz de tornar a consciência boa e o coração puro, e de fazer com que o homem obedeça amorosamente à lei; porque quando o sangue de Cristo é visto pela fé para aquietar a justiça, então a consciência aquieta-se também, e não permite que o coração acalente o amor ao pecado, mas põe o homem a

trabalhar para temer a Deus pela sua misericórdia, e para obedecer a todos os seus mandamentos, por amor a Deus, pelo seu dom gratuito da justificação, pela graça que lhe foi outorgada: Porque este é o fim da lei, pelo qual obtém do homem mais obediência do que de qualquer outro modo.

4. Manter uma estreita comunhão com Cristo, fonte de toda a graça e boas obras

O quarto requisito para evidenciar a verdadeira fé é manter uma estreita comunhão com Cristo, a fonte de todas as graças e de todas as boas obras, como se diz em João 15:5.

Eu sou a videira, vós as varas; aquele que permanece em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer.

A similitude com a árvore da videira ensina-nos o seguinte

1. Que por natureza somos silvados estéreis, até sermos mudados ao vir a Cristo; e que Cristo é essa nobre árvore de videira, que tem toda a vida e a seiva da graça em si mesma, e é capaz de mudar a natureza de todo aquele que vem a ela, e de comunicar espírito e vida a todos os que nela creem: Eu sou a videira (diz ele) e vós as varas.

2. Que a Cristo lhe apraz ter os crentes tão unidos a ele, que não se separem em momento algum pela incredulidade; e que haja uma mútua inabitação deles nele, pela fé e pelo amor; e dele neles, pela sua palavra e pelo seu Espírito; pois os une: Se vós permanecerdes em mim, e eu em vós, como coisas inseparáveis.

3. Que se um homem não está enxertado em Cristo e unido a ele pela fé, não pode fazer a menor obra boa pelas suas próprias forças; sim, exceto na medida em que um homem obtenha o espírito e a vida de Cristo pela fé, a obra que faz é má e nula do ponto de vista da bondade na estimação de Deus: Porque sem mim (diz ele) nada podeis fazer.

4. Que esta mútua inabitação é a fonte e a causa infalível para continuar e abundar constantemente no bem: Porque aquele que permanece em mim, e eu nele (diz ele), dá muito fruto. Ora, como a nossa permanência em Cristo pressupõe três coisas: 1. Que tenhamos ouvido o alegre som do Evangelho, que nos oferece Cristo, sendo nós pecadores perdidos pela lei; 2. Que tenhamos abraçado de coração a oferta de graça de Cristo; 3. Que, ao recebê-lo, nos tenhamos tornado filhos de Deus, João 1:12, e sejamos incorporados ao seu corpo místico, para que ele habite em nós, como seu templo, e nós habitemos nele, como na morada da justiça e da vida: assim, a nossa permanência em Cristo implica outras três coisas: 1. Um emprego de Cristo em todas as nossas súplicas a Deus, e em todos os nossos empreendimentos de qualquer parte de serviço a ele. 2. Um contentamento com a sua suficiência, sem sair dele para buscar a justiça, ou a vida, ou o provimento em qualquer caso, no nosso próprio valor

ou no de qualquer criatura. 3. Uma firmeza na nossa crença nele, uma firmeza no nosso emprego e uso dele, e uma firmeza na nossa satisfação nele, e na nossa adesão a ele, de modo que nenhuma sedução, nenhuma tentação de Satanás ou do mundo, nenhum terror ou aflição, possa afastar os nossos espíritos da firme adesão a ele, ou da constante afirmação da sua verdade, e da obediência aos seus mandamentos, que nos amou, e se entregou por nós; e em quem não só está depositada a nossa vida, mas também habita corporalmente a plenitude da divindade, pela união substancial e pessoal da natureza divina e humana nele.

Portanto, que todo o crente vigilante, para se fortalecer na fé e na obediência, raciocine desta maneira:

"Aquele que emprega diariamente Jesus Cristo para limpar a sua consciência e os seus afetos da culpa e da sujidade dos pecados contra a lei, e para se capacitar a obedecer à lei em amor, tem a evidência da verdadeira fé em si mesmo:

"Mas eu (pode dizer todo o crente vigilante) emprego diariamente Jesus Cristo para limpar a minha consciência e os meus afetos da culpa e da imundícia dos pecados contra a lei, e para me capacitar a dar obediência à lei em amor:

"Por isso, tenho a evidência da verdadeira fé em mim mesmo.

E, portanto, que também o crente adormecido e preguiçoso raciocine, para o seu próprio levantamento, assim:

"Tudo o que é necessário para dar evidência da verdadeira fé, esforço-me por fazer, a menos que me engane a mim mesmo e pereça:

"Mas empregar Jesus Cristo diariamente para limpar a minha consciência e os meus afetos da culpa e da sujidade dos pecados contra a lei, e para me capacitar a dar obediência à lei em amor, é necessário para evidenciar a verdadeira fé em mim:

"Por isso, isto devo esforçar-me por fazer, a menos que me engane a mim mesmo e pereça".

5. Para fortalecer o crente na fé e na obediência, mediante estas evidências

E, por último, vendo que o próprio Cristo assinalou isto, como uma evidência indubitável de um homem eleito por Deus para a vida, e entregue a Jesus Cristo para ser redimido, se vier a ele, isto é, se se achegar ao pacto, e mantiver comunhão com ele, ensina-nos, João 6:37, dizendo: Tudo o que o Pai me dá virá a mim; e aquele que vier a mim, de modo nenhum o lançarei fora; que toda a pessoa que não se sirva de Cristo para a remissão dos pecados e a emenda da vida, raciocine desta maneira, e de todas as premissas, para que a sua consciência seja despertada:

"Aquele que não está convencido, nem pela lei nem pelo evangelho, do pecado, da justiça e do juízo, de modo a vir a Cristo e a empregá-lo diariamente para a remissão dos pecados e a emenda da vida, carece não só de toda a evidência de fé salvadora, mas também de toda a aparência da sua eleição, enquanto permanecer nesta condição:

"Mas eu (pode dizer todo o impenitente) não estou nem pela lei nem pelo evangelho tão convencido do pecado, da justiça e do juízo, de modo a vir a Cristo e a empregá-lo diariamente para a remissão dos pecados e a emenda da vida:

"Por isso, não só me falta toda a evidência de fé salvadora, mas também toda a aparência da minha eleição, enquanto permanecer nesta condição".

FIM

© 2026 Westminster 1647 :: https://westminster1647.com/pt/correo